

diastrophe

Ananda Giuliani Alcântara Carióca

diastrophe

Trabalho de conclusão do curso de Artes
Plásticas, habilitação em Bacharelado, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto
de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Profa. Dra. Karina e Silva Dias.



UnB | Brasília | 2014

*Ao que permeia meu olhar
e ocupa meu afeto.*

Sumário

Lista de imagens.....	06
Diastrophe.....	10
Sobre.....	11
Introdução.....	12
Sobre o olho.....	14
Sobre o território.....	16
Sobre a violência.....	18
Sobre o espaço.....	21
Sobre o outro.....	24
Sobre o decurso.....	26
[Velado].....	30
[Barrigas]	33
[Carnes]	36
[Rede]	39
[Escada// Montagem Plano Expandido]	41
O fôlego.....	43
A espreita.....	44
A forma.....	52

A parede.....	55
O prego.....	58
A mão.....	59
A repetição.....	61
O desejo do registro.....	62
O registro frustrado.....	66
O registro.....	69
Sobre o retorno.....	70
Considerações finais.....	72
Referências.....	75
Notas.....	87

Lista de imagens

Ananda Giuliani.....	29
<i>Sem título</i> [Velado] / lona crua e suporte metálico 30 x 10 x 15cm cada módulo, instalação com três módulos 2013	
Ananda Giuliani.....	32
<i>Sem título</i> [Barrigas] Dois módulos de lona crua e terra vermelha 150 x 80 x 20cm cada modulo / 2013/14	
Ananda Giuliani.....	35
<i>Sem título</i> [Carnes] 08 módulos de lona crua / 200 x 120cm / 2013	
Ananda Giuliani.....	38
<i>Sem título</i> [Rede] Lona crua, terra, barras metálicas e fio de aço 50 x 30 x 300cm / 2014	

Ananda Giuliani.....	40
<i>Sem título</i> [Escada] / Parafusos e linha de algodão	
450 x 30cm / 2014	
Fotos de arquivo pessoal.....	46
Fotos de arquivo pessoal.....	47
Fotos de arquivo pessoal.....	48
Fotos de arquivo pessoal.....	49
Fotos de arquivo pessoal.....	50
Fotos de arquivo pessoal.....	51
Ana Mendieta.....	77
<i>Sem título</i> [Silueta Series, Mexico]	
Fotografia / 25,5 x 20,3 cm /1976	

André Komatsu.....	78
<i>Oeste ou Até onde o sol pode alcançar</i>	
Performance // vídeo, 25' / 2006	
Joseph Beuys.....	79
<i>I Like America and America Likes Me / Performance / 1974</i>	
Donald Judd.....	80
<i>Untitled / Bronze / 55.9 x 122.6 x 91.4 cm / 1968</i>	
Sol LeWitt.....	81
<i>Wall Drawing No.1 / Lápis preto / 122 x 274.3 cm / 1968</i>	
Michael Heizer.....	82
<i>Double Negative / Deserto de Mohave, Nevada / 1969</i>	
Bruce Nauman.....	83
<i>Live-Taped Video Corridor,</i>	
Gesso, câmera de vídeo, dois monitores / 975.4 x 50.8 cm / 1970	

Richard long.....	84
<i>A line made by walking</i> / Fotografia e grafite sobre 37,5 x 32,4 cm / 1967	
Lucio Fontana.....	85
<i>Spatial Concept: Expectations</i> Polímero sintético pintado sobre lona / 100 x 81.5 cm / 1959	
Richard Serra	86
<i>Hand Catching Lead</i> / Filme 16mm, 3:02min / 1968	

DIASTROFISMO,

do grego diastrophe = [distorção // perversão]

Diastrofismo, tectonismo ou tectônica: termo geral relativo a todos os movimentos da crosta terrestre com origem em processos tectônicos. Formação de bacias oceânicas, continentes, planaltos e cordilheiras.

movimento orogenético: *movimento horizontal.*

O conjunto de processos que levam à formação ou rejuvenescimento de montanhas ou cadeias de montanhas produzido pela deformação compressiva da litosfera continental.

movimento epirogenético: *movimento vertical.*

Os movimentos da crosta terrestre cujo sentido é ascendente ou descendente, atingindo vastas áreas continentais de forma lenta ocasionando regressões e transgressões marinhas.

Sobre

A forma como as ideias me ocorrem.

As demandas de tradução do olhar e das percepções não-lineares, contínuas e cotidianas.

As sentenças.

A listagem e desdobramento dos olhares;
dos elementos de observação.

A escrita em primeira pessoa que trata das experiências e apontamentos pessoais.

As referências bibliográficas e imagéticas como constelação pontuadas e sinalizadas no percurso.

Todas elas ressoam em mim e constroem meu pensamento no tempo.

Não trato aqui do quê, trato do como.

O texto é o como.

O vídeo é.

Introdução

Opero na dúvida, na imposição, na violência que o fato carrega por natureza. O fato é. Fato não muda. Fato é imperativo. É demanda.

Opero no recorte do espaço, na retirada, na negação do ato, na contestação do sentido. Ou muito pelo contrário.

Opero na observação, no repouso, no sobrevoo, no que vi, no como vivi.

Opero a partir.

Opero entre.

Opero na construção e na ruína. No que deixa de para passar a; ou no que é.

Opero no espaço, no tempo, em mim.

Opero no desejo.

Opero no outro. Opero no outro que opera em mim.
De novo e de novo.

Opero na sequência e no avanço.
Na sequência e no retorno.

Opero no acúmulo.

Opero no convencimento.

Opero no que não importa se convence.

É meu. Sou eu.

Sujeito. Me sujeito.

Engano. Me engano.

Saio da parede. Volto para ela.

Nego a superfície que afirmo.

Sobre o olho

Traduzir a luz em impulso.

Perceber.

Reconhecer.

Exercício da experiência.

O que desloca o espaço.

O que atribui sentido.

O recorte que retira.

A atenção que elege.

O alcance do ato.

A narrativa do fato.

O que trago em mim.

O que molda e se molda.

O que guardo. O que dou.

O meu. O seu.

O que não chega a ser seu. O que não chega a ser meu.

O voltar-se para si.

A intersecção.

O deleite.

A ida e a volta.

A perspectiva.

A caminhada.

A fuga.

A frente.

A cegueira.

A onividência.

A urgência.

Me inclino a ouvir.

Silêncio.

sobre o território

Desenho.

Área delimitada sob a posse de um animal, pessoa, organização ou instituição.

Dentro. Fora.

Relação entre espaço e poder

Espaço sobre o qual se exerce soberania.

Espaço vivido.

Ação para a defesa de um espaço.

A delimitação decorrente do conflito.

Relação de dependência.

Condição para a existência e reconhecimento.*

A dimensão simbólica.

A identidade.

O pertencimento.

A memória.

O local sagrado.

Sobre a violência

VIOLÊNCIA, do latim violentia: impetuosidade (do vento), ardor (do sol); arrebatamento; ferocidade; sanha; rigor; severidade'; derivado de violéntus: impetuoso, furioso, arrebatado. Violência refere-se ao uso abusivo ou injusto do poder, assim como o uso da força que resultaem sofrimento, ferimento, tortura ou morte.

Corpo ativo no espaço. Eu. Outro. Cidade. Anteparo.
Obstáculo. Objeto. Matéria. Corpo.

Violência como demanda. Obrigação de reconfiguração e
adaptação ao espaço .

Relação despercebida de subordinação entre habitantes.

Animal que espreita sua vítima.

Instinto como experiência.

O recuo diante do predador.

Impulso.

Descontrole.

Coloco-me em igualdade.

Avanço.

ANTROPOCENO – o momento em que o homem deixa de ser agente biológico para se tornar uma força geológica, capaz de alterar a paisagem do planeta e comprometer sua própria sobrevivência como espécie e a dos outros seres vivos.

Deixa-se de temer a catástrofe. Torna-se.

Sobre o espaço

Espaço natural: que sofre processo natural e espontâneo.

Espaço geográfico: construído, ocupado e organizado.

Espaço bidimensional: plano em essência.

Espaço tridimensional: indicação de relevo.

A saída do plano e tomada do relevo.*

A forma elementar.* O corte geométrico, A recusa dos acentos ilusionistas, metafóricos. O lugar entre. Pintura. Escultura. A verdade física que se expõe aos olhos despida. A matéria.*

Voltar-se para o espaço.* O diálogo com o meio. A permanência *no*, ou impermanência *do* lugar.*

A dimensão.* A observação distanciada. A percepção pensada como experiência. A invasão do espaço físico natural. O rogo por humildade.*

Espaço de mundo recortado pelo olho.

Eleito. Ativo.*

Passível.

Espaço relacional. Espaço-tempo. Espaço-corpo.

Intervenção *no* espaço // *do* espaço.*

Modificação pelo uso.*

O não-desejo de modificação.

A modificação do eu no espaço.

Estrutura subordinada e subordinante de ações e relações independente de estruturas externas ou atribuídas.

Não quero, agora, induzir comportamento ou deslocamento. O imperativo se volta contra mim.

Registro as subordinações entre mim e espaço.

A não-narrativa não me diz respeito.

O minimalismo agora não interessa.

A repetição* desinteressada que de não-imperativa não tem nada.

O que se localiza no tempo.

O que nega o eu.

O meu eu age, deixa marca e só agora se convence disso.

Sobre o outro

O outro igualmente dono do olhar.

Igualmente afetado.

Igualmente autônomo.

A escolha de participar

Dono do olhar particular.

O olhar fruidor. Construtor de sentido.

Dono na relação.

A necessidade.

A condição da comunicação.

A observação.

A recepção.

O fazer artístico.

A co-produção.*

Preenchedor de espaços em branco.

Preenchedor de silêncio.

Ele sujeito.

Ele objeto.

Nada dele me toca.

Tudo nele me evoca.

A curiosidade.

Sobre o decurso

O trabalho parte da tentativa de entendimento e afirmação da experiência.

Da minha experiência.

DESENHO:

A relação entre linha e plano e o lugar a que pertencem.

A verificação da não obrigatoriedade da superfície.

A colocação no espaço tridimensional.

A tomada da dimensão escultórica.

PINTURA:

O desejo do gesto.

A influência expressionista abstrata.

A demanda por espaço [planar] que sustentasse o rastro do braço.

A consciência do corpo e da ação em relação à superfície.

A matéria despida.

O desinteresse pela impressão. Desinteresse pela representação.

Pelo pictórico.

O abandono da tinta.

O abandono da parede.

Abandono da categoria.

A retomada da dimensão escultórica.

CIDADE:

O percurso.

O fluxo.

O obstáculo. O corpo.

A direção.

A proposição.

A função.

O uso.

A habitação.

O outro.

Eu.

Intervenção nesse espaço.

Modificação *do* espaço.

Modificação *no* espaço.



Velado

Três tiras de lona preparada dobradas ao máximo numa tentativa de negação da superfície, na negação do espaço representativo, do espaço clássico.

A rejeição da superfície que recebe tinta, que recebe forma, que recebe; da superfície que não se assume.

Nego a tradição da pintura que vem se calcando na construção de imagens, sejam elas figurativas ou abstratas, cuja espacialidade atrelada à indicação de uma perspectiva ou mudança tonal que traz na identificação uma espécie de memória forjada de espaço real, de pertencimento à obra.

Não me interessa.

Ainda não assumo a matéria pura.

Finjo que não, mas ainda dou forma, ainda crio espaço,
só não mais coloco tinta.

Ainda construo. Ainda forjo.



Barrigas

Dois pedaços iguais de lona crua na parede sustentados por pregos; parte superior e laterais abertas.

01 – É fundamental que a intervenção na forma final seja mínima; a acomodação natural dos materiais é responsável pela forma.

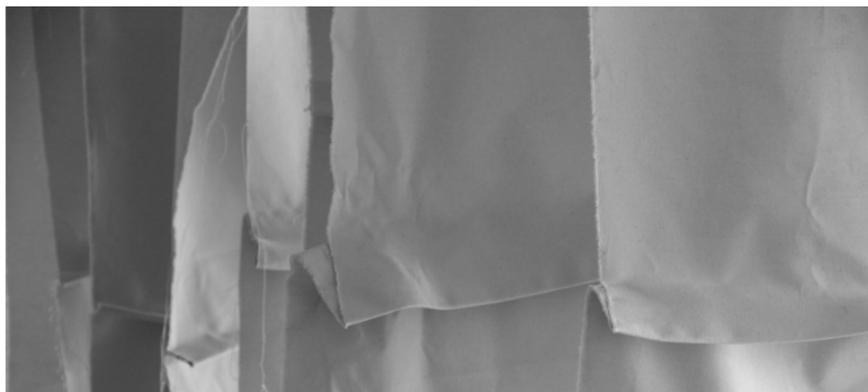
02 – Após a colocação da terra pelo vão superior, o conjunto não deve ser manipulado, ainda que isso signifique a não sustentação do conjunto.
A ruína da obra.

A parede como lugar tradicional.
Terra como o espaço tátil e estático.
Terra vermelha.
Transposta.
Terra de Brasília.

Não trato mais do espaço habitável, nem do representado, iconográfico, trato da sujeição.

Sujeição ao tempo, à gravidade, ao meu desejo e ao olhar do outro.

Quando corto a barriga, parte do conteúdo se esvai e se rearranja no espaço, toma lugar – habitável, tridimensional real.



Carnes

Oito pedaços, com dimensões semelhantes, pendurados por ganchos à 40cm de distância paralelamente entre eles.

Cada módulo recebe uma dobra irregular, de modo a cada um apresentar frente, verso e lateral.

Demanda circulação para que seja visto em sua totalidade.

Permeio de ar, de gente, de paisagem.

Barreira.

Corpo.

Couro.

Carne.

Saio da parede. Ocupo o meio da sala.
Ocupo o mesmo espaço do outro.

Os pedaços de lona se fazem de obstáculo para o olho e
para o corpo. Formam corredores.

Corredores que não levam a lugar nenhum senão o
mesmo de antes.

Corredor de vento e de gente. Corredor do espaço.



Rede

Duas barras de ferro de três metros que formatam a lona que carrega a terra que cai pelo vão. Conjunto suspenso por fios de aço.

Outra barreira para o corpo.

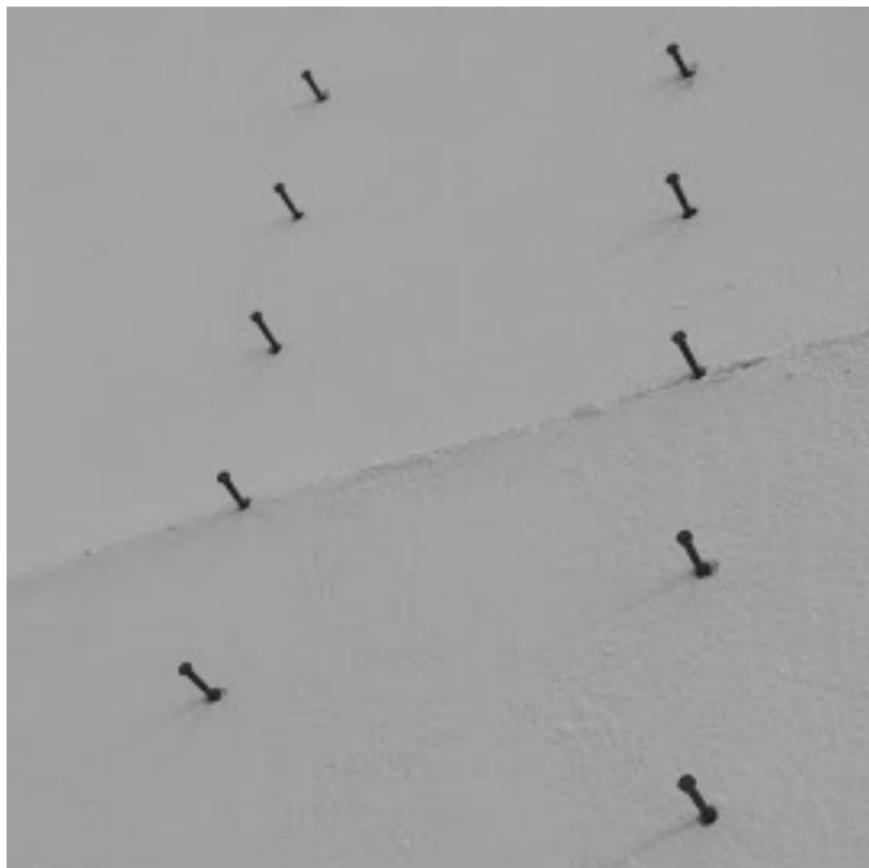
Outra tomada do espaço que se transita.

Outra terra contida e liberta. Libertada pelo rasgo.*

Diagonal da sala que tenta alterar o fluxo.

A terra derrubada por quem esbarrou.

A prova de que corpos se relacionaram.



Escada // Montagem Plano Expandido

Plano expandido: exposição realizada na galeria Espaço Piloto – UnB em abril de 2014.

Projeto de ocupação de Ananda Giuliani, Isadora Dalle e Samantha Canovas aprovado por convocatória.

O pensamento do espaço expositivo, das condições de instalação, de iluminação, de disposição.

Pé direito duplo. A resposta ao vertical.

Ocupar. Responder. Devolver.

Parede de alvenaria, de concreto armado, de madeira.

Recebo o espaço branco; em branco.

Volto meus olhares para o espaço construído.
Para o branco.

As paredes falsas, empenadas, retiradas. A falha, a rachadura, a ondulação. Tudo toma importância.

Tudo falha.

Escada: 72 parafusos, duas fileiras à 30 cm de distância. Fio da lona desfiada enrolada em cada par.

A parede concreta que se mostra frágil quando, em uma determinada altura, apresenta um vão interno.

A parede que tenho acesso é casca.

Os furos revelam o oco

O fôlego

A espreita

A subida na plataforma flutuante, o concreto sem proteção, a escada em curva a entrada na vitrine.

A vista da outra vitrine.

As rampas-cachoeira, quem sobe, quem desce, quem espia, quem nem vê.

O vão duplo, a parede recortada, a telha de zinco.

O mezanino.

A sala fantasma. As divisórias marcadas no teto e no chão de antigas paredes.

O espaço morto. As paredes duplas não ocupadas ou iluminadas. O escritório de improvisado.

A escada que balança. O corrimão descabido.

As paredes igualmente recortadas, o chão igualmente irregular, a acesso interrompido.

A vista horizontal da segunda metade da parede dupla.
Do espaço morto.

O parapeito próximo demais da parede.

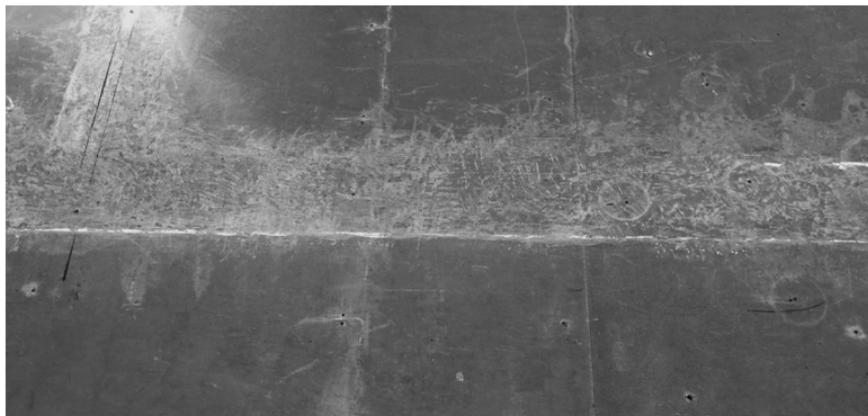
A parede de vidro que me coloca de volta pra fora.

A paisagem que invade.













A Forma

A não-não-hierarquia. .

O retorno ao começo.

A escolha pela não-cor

A cor distrai a forma.

falta de atenção. irreflexão. esquecimento. concentração de espírito. abstração. divertimento, recreio. desvio de valores. ato de pessoa distraída. divisão ou separação do que estava junto ou concentrado. causar distração à. tornar desatento. fazer desviar a atenção de. entreter, divertir. dividir, separar; apartar, desviar. desencaminhar da aplicação a que é destinada. desatender. procurar entreter-se. espairecer.

TRAIR]: enganar com traição ; atraiçoar; falsear. Revelar informação que era secreta. Delatar; denunciar. Deixar perceber; revelar. Não cumprir promessa, compromisso ou princípio. Ser fiel à. Revelar o que se desejaria ocultar; descobrir-se.

[**DIS**: dificuldade; privação

TRAÇÃO]:ação de uma força que puxa um corpo móvel. Modo de arrastar ou de fazer andar veículos. Parte de uma exploração de estrada de ferro que dirige o movimento de vagões e locomotivas. Pessoal da repartição da tração.

O preto: retenção de todos os raios.

O branco: reflexão de todos os raios.

A dimensão do público//monumental.

A dimensão do íntimo.

A não-geografia.

O não-mapa.

O indício.

O registro.

O factual.

O forjado.

A dúvida.

A experiência que pertence a mim.

Ao segredo que o espaço conta e eu escuto.

Ao que permanece segredo.

A parede

A rigidez.

A fratura.

O limite.

A fronteira.

O que de fato é.

O que de fato deixa de ser.

O que esconde. O que se deixa ver.

A solidez. A impressão de solidez.

A fragilidade. A recepção da fragilidade.

O que deixa sombra.

O que deixa dúvida.

O que deseja ser duvidado.

O selado.

O velado.

O abafado.

O guardado.

O calado.

O que apaga o traço. O que apaga o rastro.

[ativo] x [adormecido]

O que engole.

O que é rompido.

O que revela.

O que esconde.

O que não sei se cospe.

Acusar.

Acusar o espaço que me acusa.

que me suprime.

que não suporta.

que não comporta.

que não serve.

O espaço que determina. Que dita. Que impõe.

O espaço que se fecha. Que se protege. Que se blinda.

A princípio.

O que é o acabamento na construção que não o engano da estrutura?

Que espaço é esse que não atende ao que se propõe?

Galeria insípida, inóspita, insólita, hermética, controlada, controlável, regulável, construída.

Engolidora.

Engolidora de pregos.

O prego

Peça metálica constituída por uma haste delgada, achatada num dos extremos (cabeça) e pontiaguda no outro, que serve para se cravar ou espetar no objeto que se pretende fixar ou segurar. O prego apresenta considerável eficiência por possuir uma boa distribuição de pressão: a força exercida pelo impacto de um martelo sobre a cabeça de um prego é distribuída por uma área muito maior que a da outra extremidade do objeto, aplicando-se assim uma pressão relativamente maior sobre a superfície a ser perfurada que a pressão recebida do martelo.

A mão

Sinal do fazer.

Indício da [minha] presença.

Resquício da [minha] presença.

Corpo que age.

Corpo que reage.

O que manipula.

O que determina.

Fazer ativo no tempo.

Corporeidade.

Subordinação.

Insubordinação.

Rasga, fere, insiste, sela, cala, desterritorializa.

Dedos que se esticam e se recolhem.

Punho que se fecha.

Palma e peito.

O que agarra.

O que segura.

O que deixa cair.

O que falha.

A repetição

Tornar a dizer, tornar a principiar, tornar a vir,
cursar pela segunda vez.

Sequenciar.

Tentar.

Refletir, repercutir, reproduzir, re.

Verificar o fato.

Verificar o ato.

Tentar.

Narrativa do tempo mental.

Narrativa no tempo.

Convencimento do frustrado.

Apagamento da marca.

Desierarquização.

Deslocalização.

Des-território.

O desejo do registro

O registro do movimento não mora na imagem estática.

Não nesse caso.

O lapso da fotografia.

O não-espaço para o lapso. O espaço como o próprio.

É segredo. É a experiência minha.

Não chega ao outro senão por minha palavra.

Meu segredo. Meu viés.

Tento provar a fala.

Prova que não convence.

Prova que não mostra.

Prova que não diz.

É causo.

A parede que engole pregos requisita olhos atentos.
Sem piscar, sem se distrair.

Olhos silenciosos.

Olhos silenciados.

Silenciosos, atentos, passivos. Agentes.

Agem. Agem sem julgar.

A câmera é parada.

A mão finge não percebê-la.

Ação tímida.

 íntima.

 nítida.

 dúbia.

Ação ensaiada.

PROVA

pro.va

sf (lat proba) **1** Filos Aquilo que serve para estabelecer uma verdade por verificação ou demonstração. **2** Aquilo que mostra ou confirma a verdade de um fato. **3** Testemunho. **4** Indício, mostra, sinal. **5** Competência, porfia. **6** Exame ou cada uma das partes dele. **7** Ensaio, experiência. **8** Demonstração. **9** Provação, situação aflitiva, transe. **10** Ato de provar, de experimentar o sabor de uma substância alimentar. **11** Ato de analisar certas substâncias líquidas para avaliar sua força alcoólica ou espirituosa. **12** Experiência para verificar se a roupa que está sendo feita assentará bem. **13** Ensaio ou experiência para reconhecer ou investigar a existência de uma substância, de um fenômeno, de uma lesão. **14** Mat Operação pela qual se verifica a exatidão de um cálculo. **15** Tip Impressão que se tira de uma composição tipográfica para verificar se contém erros e mandar emendá-los se for o caso. **16** Competição entre esportistas, que consiste em corrida (a pé, de bicicleta, automóvel etc.), arremesso, salto etc., e na qual buscam classificação. P. chumbada, Tip: prova com excessivo número de emendas. P. de choque: V ensaio de choque. P. de contagem, Tip: prova de escova pela qual se faz a verificação da tarefa produzida pelo operário. P. de emendas Tip: a que o impressor dá ao revisor, antes de fazer a tiragem. P. de paquê: V prova de granel. P. de potência: V ensaio de potência. P. de voo: V ensaio de voo. P. direta, Dir: a que resulta da íntima relação com o fato provado; confissão, testemunho etc. P. documental, Dir: a baseada em escrito particular que fundamenta certo direito ou obrigação. P. dos nove: prova das quatro

operações aritméticas em que se subtraem todos os múltiplos de nove, devendo o resto do número sobre que se opera ficar igual ao resto do resultado da operação. P. efetiva: a que está de acordo com as fórmulas e é convincente. P. escrita, didát: aquela em que os alunos discorrem por escrito, durante tempo determinado, sobre ponto sorteado, a fim de provarem os conhecimentos adquiridos. P. instrumental, Dir: a resultante de ato lavrado por oficial público competente, judiciário ou administrativo. P. jurídica: demonstração da verdade dos fatos alegados em juízo. P. negativa, Fot: clichê que se obtém diretamente na máquina fotográfica, e que reproduz o modelo ao inverso; negativo. P. oral, didát: exame prestado verbalmente pelo qual os professores verificam o grau de instrução adquirido durante o ano letivo pelos alunos. P. plena, Dir: aquela que leva a certeza ao juiz, sobre o fato em julgamento. P. positiva, Fot: a que se obtém pela reprodução da prova negativa, ficando direita e com as próprias luzes e sombra do objeto; positivo. P. real: a) Arit: repetição de uma operação por um modo contrário ou diverso do que se fez; b) a demonstração mais certa e incontestável de qualquer coisa. P. semiplena, Dir: prova incompleta, como a fornecida por uma só testemunha. Provas artificiais: as que o orador inventa, além daquelas que fornece o assunto. Provas inartificiais: as que se obtém sem auxílio do raciocínio, tais como as leis, os depoimentos das testemunhas etc. Acima de toda a prova: incontestável. À prova de água: impermeável. A toda a prova: inteiramente provado. À prova de bala: capaz de resistir ao impacto das balas. À prova de bomba: que tem blindagem capaz de resistir ao choque das bombas que lhe caiam em cima.

O registro frustrado

A dúvida.

Duvido que a parede acate os pregos outra vez.

Temo.

Tremo.

Testo.

Ensaio a mão mais bonita. Tento esconder a cabeça.

Mais luz. Menos luz.

O branco chapado.

O corte próximo.

Luz. Mão. Luz. Mão. Luz. Mão. Luz. Mão. Luz. Mão.

Vinícius, o dono do olho.

Tempo de parede.

Parede que só é cor; ou não-cor.

Branco. Temo. Respiro.

Centralizo. Martelo. Erro. Consigo.

A parede sensível não reclama. Se abre sem muita resistência.

Quase frustração, quase alívio.

O prego não cai de primeira, mas de segunda.

Insisto mais três vezes. Devia ter insistido mais.

Passo massa. Calo. Volto ao branco.

Gosto do branco e do tempo de branco.

Gosto da posição da mão e dos espaços de tempo sem ela.

Não gosto do carinho na parede e nem de como coloco o prego sem o martelo.

Acho que pede mais insistência, mais repetição, mais automatismo.

Mais feminino que gostaria.

Mais sexual que gostaria.

Mais curto que planejava.

Mas não sei.

Não sei se é um olhar muito contaminado de Serra.*

Repito.

O registro

O fato é verificado desde o primeiro prego.

A repetição como convencimento ou provocação?

A exaustão.

A dúvida.

O tempo de entendimento?

Meu entendimento cai junto ao primeiro prego.

A repetição desterritorializa o entendimento do outro.

A incompreensão, agora, mora na ação,

não mais no absurdo.

Ainda absurdo.

Sobre o retorno

Em relação. O par em relação.

O agenciamento.

Vacilo. A chegada ao abismo e retirada dele. O ciclo que te tira e põe no risco. O alargamento do movimento.

O alargamento do círculo.*

01 - busca por território.

[*componente direcional*] A busca pela direção; ponto estável.

02 - traçado do território.

[*componente dimensional*] Localização e consolidação do território.

03 - linha de fuga.

[*componente de passagem*] O território em variação.

A coexistência.

A instância.

O movimento circular.

A possibilidade da fuga.

A improvisação.

A desterritorialização.

O vazio.

A fratura.

A linha de morte.

A insistência.

Considerações finais

e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que importa não é a viagem mas o começo da por isso meço por isso começo escrever mil páginas escrever milmapáginas para acabar com a escritura para começar com a escritura para acabarcomeçar com a escritura por isso recomeço por isso arremeço por isso teço escrever sobre escrever é o futuro do escrever sobrescrevo sobrescravo em milumanoites miluma-páginas ou uma página em uma noite que é o mesmo noites e páginas mesmam ensimesmam onde o fim é o comêço onde escrever sobre o escrever é não escrever sobre não escrever e por isso começo descomeço pelo descomêço desconheço e me teço um livro onde tudo seja fortuito e forçoso um livro onde tudo seja não esteja seja um umbigodomundolivro um umbigodolivromundo um livro de viagem onde a viagem seja o livro o ser do livro é a viagem por isso começo pois a viagem é o começo e volto e revolto pois na volta recomeço reconheço remeço um livro é o conteúdo do livro e cada página de um livro é o conteúdo do livro e cada linha de

uma página e cada palavra de uma linha é o conteúdo da palavra da linha da página do livro um livro ensaia o livro todo livro é um livro de ensaio de ensaios do livro por isso o fim- começo começa e fina recomeça e refina se afina o fim no funil do começo afunila o começo no fuzil do fim no fim do fim recomeça o recomeço refina o refino do fim e onde fina começa e se apressa e regressa e retece há milumaestórias na mínima unha de estória por isso não conto por isso não canto por isso a nãoestória me desconta ou me descanta o avesso da estória que pode ser escória que pode ser cárie que pode ser estória tudo depende da hora tudo depende da glória tudo depende de embora e nada e néris e reles e nemnada de nada e nures de néris de reles de ralo de raro e nacos de necas e nanjas de nullus e nures de nenhures e nescas de nulla res e nenhumzinho de nemnada nunca pode ser tudo pode ser todo pode ser total tudossomado todo somassuma de tudo suma somatória do assomo do assombro e aqui me meço e começo e me projeto eco do começo eco do eco de um comêço em eco no soco de um comêço em eco no oco eco de um soco no osso e aqui ou além ou aquém ou láacolá ou em toda parte ou em nenhuma parte ou mais além ou menos aquém ou mais adiante ou menos atrás ou avante ou paravante

*ou à ré ou a raso ou a rés começo re começo rés começo raso
começo que a unha-de-fome da estória não me come não me
consume não me doma não me redoma pois no osso do começo
só conheço o osso o osso buco do começo a bossa do começo onde
é viagem onde a viagem é maravilha de tornaviagem é tornassol
viagem de maravilha onde a migalha a maravalha a apara é
maravilha é vanilla é vigília é cintila de centelha é favila de fábula
é lumínula de nada e descanto a fábula e desconto as fadas e conto
as favas pois começo a fala*

Haroldo de Campos

Referências

BRISSAC, Nelson. *Paisagens urbanas*.

São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein.

Cenografias e Corpografias Urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. In: Cadernos PPG-AU/FAUFBA. Vol.1, n.1.

Salvador: FAUFBA: EDUFBA, 2003.

CAMPOS, Haroldo. *Galáxias*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2004.

DANTO, Artur C. *A transfiguração do lugar-comum*.

São Paulo: Cosacnaify, 2010.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34, vol. 4, 1997

FERREIRA, Gloria e COTRIM, Cecília. Michael Heizer,

Dennis Oppenheim e Robert Smithson. Discussões com Heizer, Oppenheim e Smithson. In: *Escritos de Artistas – anos 60 e 70*.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. Robert Smithson. Uma Sedimentação da mente: Projetos de Terra. In: *Escritos de Artistas – anos 60 e 70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. Sol LeWitt. Sentenças sobre a arte conceitual. In: *Escritos de Artistas – anos 60 e 70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GALARD, Jean. *A beleza do gesto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

KRAUSS, Rosalind. *Caminhos da Escultura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998

KWON, Miwon. *Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity*. Revista October 80, 1997

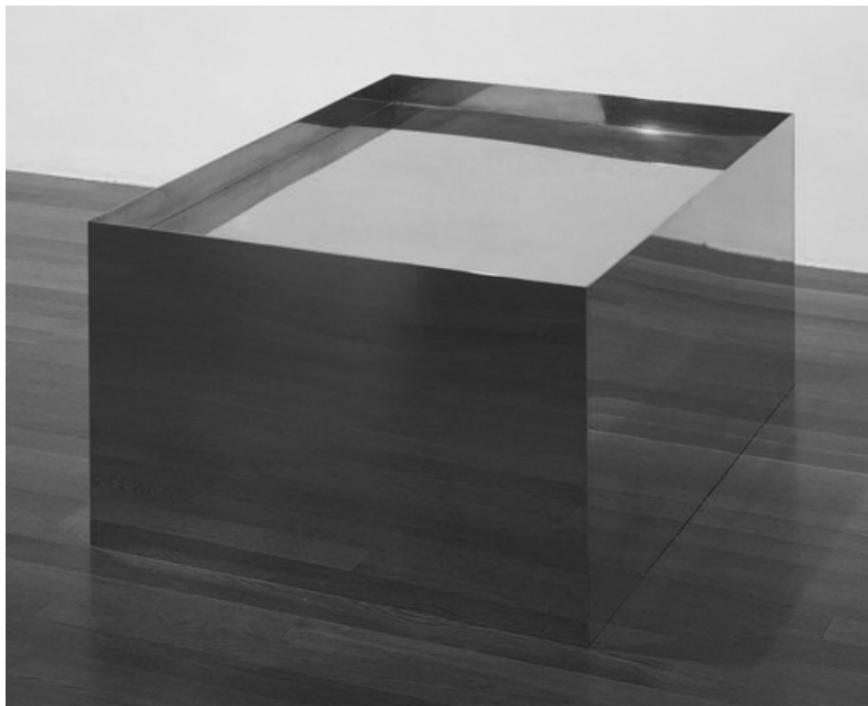
LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor, textos de estética da recepção*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002

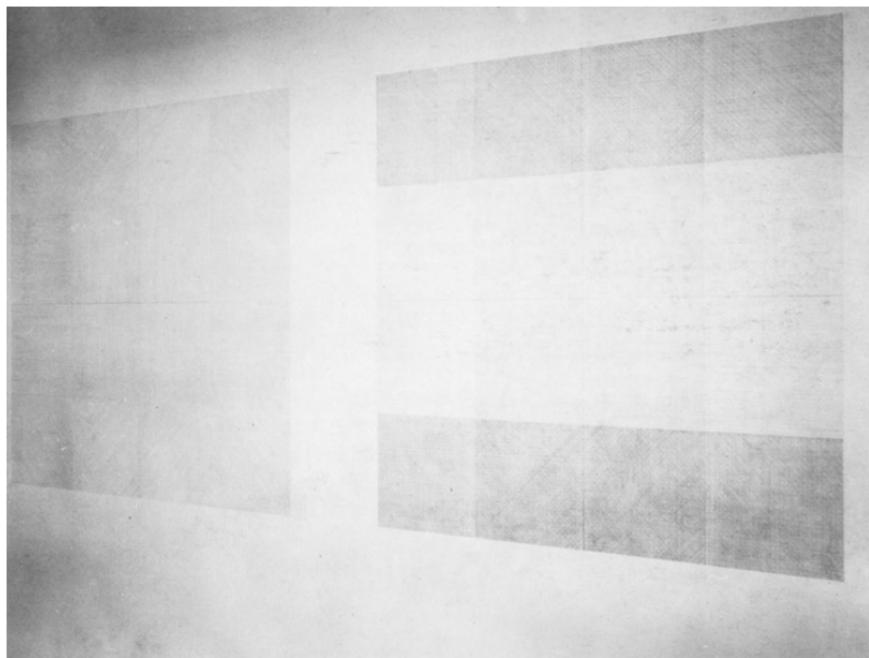
TASSINARI, Alberto. *O espaço moderno*. São Paulo: Cosacnaify, 2001.







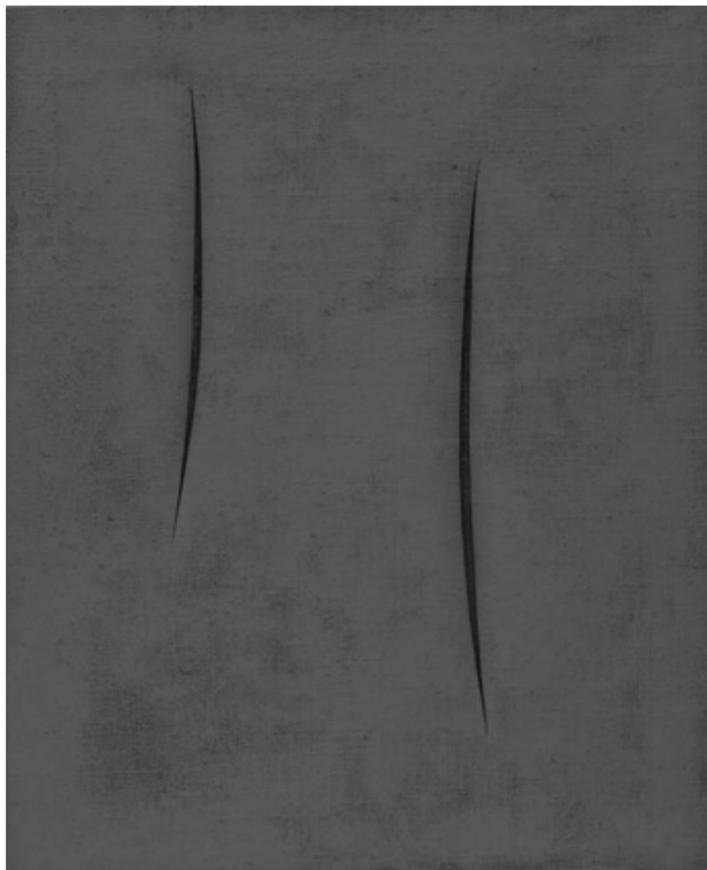


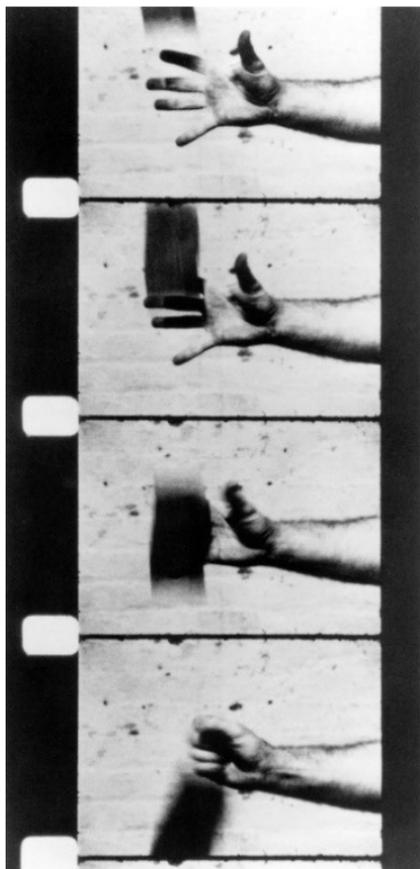












Notas

sobre o território

* Ana Mendieta / *Flowers on body* / Fotografia

sobre a violência

* André Komatsu / *Oeste ou Até onde o sol pode alcançar*
Performance // video, 25' / 2006

* Joseph Beuys / *I Like America and America Likes Me*
Performance / 1974

sobre o espaço

* KRAUSS, Rosalind. O Duplo Negativo: Uma nova sintaxe para a escultura. In: *Caminhos da Escultura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. pp.291 – 343

* Donald Judd / *Untitled* / Bronze / 55.9 x 122.6 x 91.4 cm / 1968

* Sobre o minimalismo, tendência do fim dos anos 1950 e início dos 1960, que inicia a conversa com o espaço do mundo em comum requisitando-o para individualizar-se nele como obra. Segundo Tassinari, “o espaço arquitetônico é de um lado solicitado para fazer parte da obra e, de outro, permanece inalterado.”, (TASSINARI, 2001, p. 127)

*Sol LeWitt / *Wall Drawing No.1* / Lápis preto
122 x 274.3 cm / 1968

* Kwon diz que “a arte site-specific inicialmente tomou o “site” como localidade real, realidade tangível, com identidade composta por singular combinação de elementos físicos constitutivos: comprimento, profundidade, altura, textura e formato das paredes e salas; escala e proporção de praças, edifícios ou parques; condições existentes de iluminação, ventilação, padrões de trânsito; características topográficas particulares. Se a escultura moderna absorveu seu pedestal / base para romper sua conexão com ou expressar sua indiferença ao site, tornando-se mais autônoma e auto-

referencial, e portan- to transportável, sem lugar e nômade, então trabalhos site-specific, quando emergiram no despertar do minimalismo, no final da década de 1960 e início da seguinte, forçaram dramática reversão nesse paradigma modernista.” (KWON, 1997, p. 167)

* Sobre a land-art como o passo decisivo em direção ao exterior; fazendo dos seus espaços, espaços da própria arte, do próprio trabalho. “a imagem de Heizer reproduz a intervenção do espaço externo na existência interior do corpo, ali se alojando e formando suas motivações e significados” (KRAUSS, 1998, p. 335)

* Michael Heizer / *Double Negative* / Deserto de Mohave, Nevada 1969

* Bruce Nauman / *Live-Taped Video Corridor* / Gesso, câmera de vídeo, dois monitores / 975.4 x 50.8 cm / 1970

* Richard Long / *A line made by walking* / Fotografia e grafite sobre papel / 37,5 x 32,4 cm / 1967

* Sobre a *corpografia urbana*, entendida como a leitura da cidade pelo corpo sob um conjunto de condições derivadas da própria interação, expõe o espaço urbano contemporâneo como local de mudança e apropriação por sua própria utilização. (BRITTO; JACQUES, 2003),.

* Acerca da repetição, Donald Judd em 1964 escreve que “a ordem não é racionalista e subjacente, mas é simplesmente ordem, como a da cotinuidade; uma coisa depois da outra” (apud KRAUSS, 1998,P. 292)

sobre o outro

* Acerca do espectador como co-participante na construção de sentido e entendimento da obra: “embora o mundo da arte tenha se voltado para outras coisas nos últimos anos, o desafio filosófico de separar o homem comum de seus celebrantes artísticos ainda nnao foi enfrentado e merece ser examinado por quem pensa, como nós, que não há obra de arte sem interpretação.” (DANTO, 2010, P. 199)

rede

* Lucio Fontana / *Spatial Concept: Expectations* / Synthetic polymer paint on slashed burlap / 100 x 81.5 cm / 1959

sobre registro frustrado

* Richard Serra / *Hand Catching Lead*
Filme 16mm, 3:02min / 1968

sobre o retorno

* “Não são três momentos sucessivos numa evolução. O ritornelo tem os três aspectos, e os torna simultâneos ou os mistura: ora, ora, ora. Ora o caos é um imenso buraco negro, e nos esforçamos para fixar nele um ponto frágil como centro. Ora organizamos em torno do ponto uma “pose” (mais do que uma forma) calma e estável: o buraco negro tornou-se um em-casa. Ora enxertamos uma escapada nessa pose, para fora do buraco negro (...). Sublinhou-se muitas vezes o papel do ritornelo: ele é territorial, é um agenciamento territorial.” (DELEUZE; GUATARI, 1997, p. 102)